

Conversas à deriva: expressões da Educação Comunitária Ambiental para uma sociedade sustentável integral

Sílvia Franco, Albertina Raposo, Mário Santos,
Rita Gonçalves, Teresa Morais, Lia Vasconcelos
& Mônica Mesquita

Resumo

A diversidade de saberes e olhares, que as diferentes formações académicas e experiências profissionais fazem convergir, promovem o diálogo, a reflexão e discussão complexa e integrada das temáticas, e enriquecem o conhecimento e a investigação à escala individual, de grupos de trabalho e de organizações. Assim, um grupo de cinco representantes de diferentes organizações e formas de conhecimento, integra o projeto *Educação Comunitária Ambiental: ações colaborativas para um desenvolvimento costeiro sustentável integral*. O grupo reúne, num formato que promove o colocar “à deriva” ideias resultantes do diálogo sobre colaboração e sustentabilidade, buscando a implementação dessas ideias nas práticas individuais e do coletivo. A metodologia dos encontros, com recurso a dinâmicas participativas promotoras do desenvolvimento holístico, visa a participação de todos, o confronto de ideias, a reflexão, a partilha de conhecimento e a aprendizagem, potenciando a educação que cada um carrega em si. Este artigo pretende dar a conhecer o papel da Educação Comunitária Ambiental para um pensar coletivo, crítico e gerador de ações concretas, bem como a metodologia processual dos encontros. O processo evidencia a relevância do elevado sentido de pertença dos membros do grupo que se traduz em aprendizagens individuais e partilha de diferentes saberes.

Palavras-chave:

educação comunitária ambiental; desenvolvimento holístico; ações colaborativas; sustentabilidade costeira; ideias “à deriva”.

Drifting conversations: expressions of Environmental Communitarian Education for an integral sustainable society

Abstract: The diversity of knowledge and views that different academic backgrounds and professional experiences converge, promote dialogue, reflection, a complex integrated discussion of the themes, and enrich knowledge and research on an individual scale, working groups and organizations. Thus, a group of five representatives of different organizations and forms of knowledge, are part of the project *Environmental Communitarian Education: collaborative actions to an integral sustainable coastal development*. The group joins together, in a format that promotes the “drifting” of ideas resulting from the dialogue on collaboration and sustainability, seeking to implement these ideas in individual and group practices. The methodology of the meetings, using participatory dynamics that promote holistic development, aims at the participation of all, the confrontation of ideas, reflection, sharing of knowledge, and learning, enhancing the community education that each one carries within. This article intends to make known the role of Environmental Communitarian Education for collective critical thinking, and generator of concrete actions, as well as the procedural methodology of the meetings. The process reveals the relevance of a high sense of belonging of the group members, which results in individual learning and in sharing different knowledge.

Keywords: environmental communitarian education; holistic development; collaborative actions; coastal sustainability; “drifting” ideas.

Conversations à la dérive : expressions de l'éducation communautaire environnementale pour une société durable intégrale

Résumé: La diversité des connaissances et points de vue que différents milieux académiques et expériences professionnelles convergent, favorise le dialogue, la réflexion et la discussion complexe et intégrée des thèmes, et enrichit les connaissances et la recherche à l'échelle individuelle, des groupes de travail et des organisations. Ainsi, cinq représentants de différentes organisations et formes de savoirs, fait partie du projet *Education Communautaire Environnementale: actions collaboratives pour un développement côtier durable intégral*. Le groupe rassemble stimulant la mise à la dérive des idées du dialogue sur la collaboration et la durabilité, cherchant leur application en pratiques individuelles et de groupe. La méthodologie des rencontres, avec dynamiques participatives qui favorisent le développement holistique, vise la participation de tous, l'échange d'idées, la réflexion, le partage des connaissances et l'apprentissage, valorisant l'éducation communautaire que chacun porte avec soi. Cet article fait connaître le rôle de l'Education Communautaire Environnementale pour la réflexion collective, critique et génératrice d'actions concrètes, ainsi que la méthodologie des rencontres. Le processus montre la pertinence du fort sentiment d'appartenance des membres du groupe, qui se traduit par l'apprentissage individuel et un partage de différentes connaissances.

Mots-clés: éducation communautaire environnementale; développement holistique; actions collaboratives; durabilité côtière; idées «dérivantes».

Conversaciones a la deriva: expresiones de educación comunitaria ambiental para una sociedad integral sostenible

Resumen: La diversidad de conocimientos y perspectivas que confluyen los distintos antecedentes académicos y experiencias profesionales, promueven el diálogo, la reflexión y la discusión compleja e integrada de los temas, y enriquecen el conocimiento y la investigación a nivel individual, grupos de trabajo y organizaciones. Así, cinco representantes de diferentes organizaciones y formas de conocimiento son parte del proyecto *Educación Comunitaria Ambiental: acciones colaborativas para el desarrollo costero sostenible integral*. El grupo aglutina, en un formato que promueve dejar “a la deriva” ideas resultantes del diálogo sobre colaboración y sostenibilidad, busca aplicar estas ideas en prácticas individuales y grupales. La metodología de los encuentros, utilizando dinámicas participativas que promueven el desarrollo integral, apunta a la participación de todos, la confrontación de ideas, la reflexión, el intercambio de conocimientos y aprendizajes, potenciando la educación comunitaria que cada uno lleva en ellos. Este artículo pretende dar a conocer el papel de la Educación Comunitaria Ambiental para el pensamiento colectivo, crítico y generador de acciones concretas, así como la metodología de los encuentros. El proceso muestra la relevancia del alto sentido de pertenencia de los integrantes del grupo, lo que se traduce en un aprendizaje individual y en compartir conocimientos diferentes.

Palabras-clave: educación comunitaria ambiental; desarrollo holístico; acciones colaborativas; sostenibilidad costera; ideas “a la deriva”.

Introdução

A construção de conhecimento que acontece quando conversamos uns com os outros pode ser vista tendo por base as relações democráticas; entendendo aqui a democracia como “uma proposta radical de convivência humana” como nos fala Jara (2019). Todas as relações humanas, acrescenta o autor, são relações de poder. Quando esse poder é democrático, ele é gerador da capacidade de coconstrução que se expressa tanto na forma de conhecimento comum, como de ações sinérgicas e solidárias.

Nesta perspetiva, a educação torna-se um processo de construção dos sujeitos que fazem com que o conhecimento ganhe o significado de ser realmente vivido. Para tanto, a pedagogia deve ser dialógica, horizontal, criativa e coletiva tornando-se estes processos tanto mais ricos, quanto maior a diversidade de saberes presente no diálogo e, nesse sentido, a abordagem transdisciplinar permite uma melhor manifestação do uno, do todo (Flores e Filho, 2016). Vasconcelos *et al.* (2020), trabalhando o conceito de Laboratório Social, defendem que a aprendizagem é um dos resultados intangíveis dos processos colaborativos. Os Laboratórios Sociais são assim capazes de transformar as pessoas a eles ligadas alterando estados existentes, de conflito para uma atitude construtiva de encontro de soluções (Vasconcelos *et al.*, 2020).

Flores e Filho (2016) partem da ideia de que desenvolver uma atitude transdisciplinar significa transpor permanentemente os limites dos conhecimentos específicos, interagindo com outros modos de ver o mundo e permitindo a si mesmo colocar em questão as próprias crenças e certezas. De realçar que, vários são os autores e escolas de pensamento (Lave, 1991; Vasconcelos, 2008; Mesquita, 2014; Jara, 2016) que têm mostrado os espaços de promoção do diálogo enquanto capazes de promover o surgimento de grupos coesos no que respeita a ideais comuns, estando assim dispostos a abordar de forma complexa e integrada as temáticas. O potencial de tal grupo permite a criação de comunidades de prática (Lave, 1991; Wenger, 1998) e/ou de redes de trabalho colaborativo (Castells, 2009), as quais se traduzem num enriquecimento do conhecimento e da investigação. A colaboração surge, deste modo, como razão da constituição de qualquer rede de aprendizagem, exigida para garante da sua manutenção, é também consequência do seu funcionamento (Chagas, 2002).

O conceito de Comunidade de Prática (Lave & Wenger, 1991; Wenger, 1998) aparece como forma de designar um grupo de pessoas que se une face a um tema comum, seja por ser do seu conhecimento ou por ser uma área do seu interesse. Entende-se, assim, que, cada comunidade de prática é única nos seus domínios; contudo todas partilham características comuns, como o facto de constituírem redes de trabalho guiadas pela participação dos seus membros ou estarem ligadas a processos de aprendizagem, de construção e partilha de conhecimento e resolução de problemas. Ao promover a interação entre os participantes, geram a construção colaborativa do diagnóstico e da

solução, podendo estes ser pertença de todos os envolvidos no processo e não apenas de um grupo restrito, como defendido por autores de diferentes áreas do conhecimento (Buterfoss, 2006; Vasconcelos, 2008; Serrat, 2010; Raposo e Mesquita, 2018).

O conceito de Comunidade de Aprendizagem (Freitas, 2010) segundo o qual um conjunto de pessoas que trabalham juntas e que partilham conhecimentos, atitudes e valores, para alcançar objetivos comuns, surge associado a uma proximidade que conduz à partilha de ideias, à colaboração e à cooperação entre os membros dessa comunidade sendo a colaboração o ponto fulcral para a aprendizagem já que promove a construção social do conhecimento (Afonso, 2009). Contudo, será que podemos dizer que existe colaboração sem que haja diálogo genuíno (Habermas, 1984; Bohm, 2004) entre os participantes? Para Bohm (2004), o que une as pessoas ou comunidades são os significados partilhados que surgem, quando se deixa fluir o diálogo.

Na área das Ciências do Ambiente existe a necessidade de mudar atitudes face a, por exemplo, o excesso de consumo e o tratamento de resíduos, uma vez que os seres humanos afetam os Ecossistemas da Terra por meio do consumo não controlado de recursos (Turner *et al.*, 1991). Trabalhos focados no indivíduo têm dado lugar ao envolvimento da comunidade no processo de preservação ambiental. Estes processos trazem uma mais-valia na aproximação e conhecimento de grupos populacionais face aos ecossistemas e danos da poluição. Contudo nem sempre esta abordagem tem em conta a integração da diversidade de conhecimentos disponível num determinado local, nem mesmo a sustentabilidade humana que pode coexistir com a sustentabilidade dos ecossistemas naturais, fortalecendo os vínculos entre a sociedade e a natureza.

A Educação Comunitária Ambiental (Franco, s.d.) vem trazer uma nova abordagem à Educação Ambiental. Uma abordagem que traz o valor da Educação Comunitária (Mesquita, 2014) como fundamento para o desenvolvimento costeiro sustentável, buscando a consciência da relação indissociável entre indivíduo, sociedade e natureza (D'Ambrosio, 2002; Mesquita *et al.*, 2011). Ela surge na valorização de um processo educacional de base comunitária face à sua ligação ao ambiente envolvente. No caso de comunidades costeiras, esta ligação revela-se frequentemente de grande intensidade, uma vez que a proximidade marítima apela a inúmeras atividades profissionais e de lazer, promotoras da ligação entre o mar e a terra.

Segundo D'Ambrosio (2002), a relação indivíduo-sociedade-natureza apresenta-se enquanto triângulo primordial de elementos indissociáveis. Considerando esta relação, urge valorizar diferentes formas de conhecimento enquanto potencial para o bem comum - uma sociedade sustentável, em que os três elementos vivem em respeito, solidariedade e cooperação (D'Ambrosio, 2002). Valores que potenciam a ligação à nossa ancestralidade, através de memórias e vivências, veículos de afeto, partilha e aprendizagem, "cimento" que nos liga em comunidade como elementos de um ambiente, em que todos são corresponsáveis pelo bem comum.

Os movimentos educativos de base popular ou comunitária (Freire, 1974; Lima, 2006) têm acompanhado enquanto via alternativa e, por vezes, paralela os percursos da Educação Formal. Desvalorizados pelas entidades formativas nacionais, vão sobrevivendo, respondendo a uma necessidade da população que pouco tem resposta a nível formal. Para Freire (1974), a Educação efetiva-se num exercício livre e crítico entre todos os participantes. Transpondo esta premissa para o campo da Educação Ambiental, este exercício passa, em primeira instância, para a base comunitária que envolve o nosso desenvolvimento da infância à vida adulta. Uma comunidade espontânea, que nos liga à nossa ancestralidade e é essencial para o desenvolvimento da nossa rede de valores face ao ambiente, e, mais tarde, comunidades de aprendizagem ou de prática a que o indivíduo se propõe face a temas e/ ou objetivos comuns.

Considera-se, aqui, o potencial da Educação Comunitária Ambiental, cuja natureza pode ser alimentada e alimentar a geração de significados comuns, essenciais para os processos de valorização dos nossos espaços: *CorpSpace* – espaço individual, *OtherSpace* – espaço social e *EcoSpace* – espaço ambiental (Mesquita *et al*, 2011); e para dinâmicas de coconstrução que promovam o bem comum, na relação com estes espaços, ou seja, na relação que D'Ambrosio (2002) conceptualiza enquanto triângulo primordial da vida.

Neste processo coletivo, a partilha de saberes e vivências estimula e estrutura o pensamento complexo, promovendo a escuta ativa, a reflexão crítica, a produção de novos conhecimentos e de significados comuns. Segundo Mariotti (2002), o pensamento complexo está associado a cinco saberes que transportam o indivíduo do Saber Ver ao Saber Abraçar, num ato de ligação ao outro.

Estes cinco saberes propostos por Mariotti (2002) trouxeram o aporte teórico que fundamentou a proposta de um Design de Saberes, elencado em cinco ciclos para uma ação colaborativa de valorização e potenciação da Educação Comunitária Ambiental: Saber Ver – em encontros fomentados por um dos elementos do grupo, a investigadora responsável pelo projeto; Saber Esperar – em dinâmica de rotatividade em que cada um se dá a conhecer, apresentando questões do seu interesse; Saber Conversar – imergindo nas vivências do outro; Saber Amar – coconstruindo produtos que favoreçam a partilha dos novos significados adquiridos, promovendo o bem comum do ambiente que envolve o grupo; e, finalmente, Saber Abraçar – análise crítica coletiva que permite refletir sobre e estender a mão ao outro. Neste percurso, a atenção e o diálogo conduzem a um aprender a ser integrador dos espaços que Mesquita *et al* (2011) apresentam.

Este artigo pretende dar a conhecer o papel da Educação Comunitária Ambiental para um pensar coletivo, crítico e gerador de ações concretas, bem como a metodologia processual de trabalho usada nos encontros, os quais decorreram periodicamente ao longo de 2020, juntando um grupo de cinco representantes de diferentes tipos de conhecimento. Neste sentido, transpõe-se, aqui, o processo de deriva assumido, com

o intuito de favorecer o fluir do diálogo para a construção de um *common ground* – um novo significado partilhado por todos os elementos.

A metodologia dos encontros recorreu a dinâmicas e técnicas participativas promotoras de uma educação para o desenvolvimento holístico, que possibilitam a participação de todos os elementos do grupo, o confronto de ideias, a reflexão crítica, a partilha de conhecimento e a aprendizagem, potenciando a educação comunitária que cada um(a) carrega em si.

Metodologia

Tendo por base que a agregação da riqueza das diferentes perceções e experiências individuais permite a compreensão analítica do todo (Blackstock *et al.*, 2007), adota-se o construtivismo como forma de encarar a natureza do conhecimento. Deste modo, não se confere à investigação um cariz dicotómico; ela é encarada como fazendo parte de um processo de permanente construção de conhecimento (Schultze e Stabell, 2004).

Ao aceitar o desafio etnográfico crítico (Thomas, 1993), cada membro do grupo assumiu-se enquanto investigador das próprias práticas, buscando a reflexão individual e coletiva, bem como o colocar em ação via as dinâmicas implementadas em grupo.

A Etnografia Crítica (Thomas, 1993) surge como caminho metodológico que, no sentido de promover a transformação social, coloca o conhecimento como ferramenta essencial. Para tal, promove-se nas dinâmicas o diálogo entre os conhecimentos tradicional, local, técnico e científico como ponto de partida para as ações.

A observação participante (Thomas, 1993) assume-se como mote para cada membro numa proposta de conversas à deriva, fundamentada inicialmente pelas cimeiras do projeto *Smart Fishing - Integração de novas tecnologias para uma pesca local segura e sustentável*, um projeto do Observatório de Literacia Oceânica – laboratório de investigação integrado no Centro de Ciências do Mar e do Ambiente, pólo NOVA, financiado pelo Programa Operacional MAR 2020. Este projeto, que promove uma Solução Tecnológica Integrada para uma pesca local segura e sustentável, propôs o desenvolvimento de cimeiras enquanto momentos de diálogo e coconstrução entre pescadores, representantes de entidades ligadas ao mar – no âmbito da legislação e da monitorização, técnicos e cientistas.

Estas cimeiras serviram de base para o trabalho, aqui apresentado, que, posteriormente, foi também nutrido pelos conhecimentos e vivências de cada elemento do grupo. Nestas conversas à deriva, aprendeu-se a ver, a esperar, a conversar, a amar e a abraçar (Mariotti, 2002) ligando-nos, enquanto indivíduos, à sociedade e à natureza - fatores indissociáveis (D'Ambrosio, 2002; Mesquita *et al.*, 2011).

O grupo reúne, periodicamente, durante duas horas, num formato que promove o colocar à deriva ideias resultantes do diálogo sobre colaboração e sustentabilidade.

No formato vivenciado e, aqui apresentado, o processo em si é o principal resultado. Deste, evidencia-se a coconstrução de conhecimento e o sentido de pertença, enquanto resultados processuais, que têm promovido aprendizagens individuais e reflexões de forte impacto nos indivíduos e na sua relação com a sociedade e a natureza.

Caraterização do grupo de trabalho

O projeto de investigação *Educação Comunitária Ambiental: ações colaborativas para um desenvolvimento costeiro sustentável integral* desenvolvido no âmbito do Programa Doutoral em Ambiente e Sustentabilidade, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade NOVA de Lisboa, pela doutoranda Sílvia Franco, veio propor a integração de um grupo de trabalho para pensar, dialogar e agir sobre a temática aliada ao projeto.

O grupo é constituído por cinco membros da sociedade civil, com diferentes *backgrounds* e experiências de vida, que surgem neste contexto como representantes dos conhecimentos tradicional, local, técnico e científico. Em consciência de que todos abarcamos, em nós, vislumbres destes quatro diferentes tipos de conhecimento, cada elemento apresenta-se como representante daquele cujo percurso de vida lhe trouxe em maior proximidade. Cada um traz a sua Educação Comunitária Ambiental, ou seja, as suas vivências enquanto um pescador, um membro da comunidade local, uma vigilante da natureza, uma professora de um instituto politécnico e uma estudante de doutoramento, para a construção coletiva de novo conhecimento.

Na dimensão proposta pelo projeto, todos os elementos trazem o seu conhecimento para um processo de diálogo e construção conjunta face às suas vivências da zona costeira da Costa da Caparica - Portugal, com a qual têm alguma relação direta ou indireta. Devido à proximidade do mar, as zonas costeiras são zonas que agrupam uma grande diversidade de atividades e usos, pelo que se torna zona prioritária de intervenção.

Diferentes vivências individuais face a diferentes utilizações desta zona costeira, área que concentra a atenção e a ação do grupo, trazem para o coletivo diferentes olhares e ligações. O olhar do banhista, do pescador, do vigilante da natureza, do visitante e do habitante local encontram-se para sistematizar a deriva em um significado comum – fonte de encontros e propostas para este ambiente de transição entre o mar e a terra. Assim, para os cinco elementos deste grupo, a sustentabilidade dos ecossistemas de transição - considerados na ligação entre o mar e a terra, tornou-se o mote maior para o encontro.

Resultados Processuais

O processo proposto, em finais de 2019, passava pelo convite para que os elementos deste grupo aceitassem o papel de observadores participantes nas cimeiras (espaços de discussão e debate) do projeto *Smart Fishing*. À observação participante

das cimeiras agregar-se-iam encontros mensais com o objetivo de trocar ideias e partilhar saberes em encontros a que chamamos Conversas à Deriva.

Com a entrada em estado de emergência, devido à pandemia por COVID-19, as Conversas à Deriva do grupo tiveram de se adaptar às limitações impostas pela situação vivida assumindo, conforme as possibilidades, um formato de encontro online, presencial ou misto, com carácter periódico - mensal ou quinzenal. A nova situacionalidade (Freire, 1970) trouxe novas temáticas e atividades, acrescentando conteúdo e valor ao inicialmente proposto. Contudo, a utilização das ferramentas informáticas trouxe, também, novos desafios, pois fez-se necessário adaptar às novas ferramentas, aprender a utilizá-las e interagir de acordo com as mesmas.

Este processo de adaptação aflorou a consciência de que, por diversos motivos, estas ferramentas não estão ao alcance de todos. Seja por falta de prática ou por falta de computador, seja por que o acesso à internet apenas acontece no local de trabalho ou, pelo contrário, é de mais fácil acesso em casa... as dificuldades e aprendizagens feitas, neste período, por experiência própria, conduziram a reflexões sobre o ambiente ao redor.

O estado de emergência imposto devido à situação de pandemia tornou-se, essencial, para a conscientização de desfasamentos existentes entre a população. Desfasamentos evidenciados por mecanismos legais que impõem, por exemplo, o teletrabalho sem a perceção das condições que cada trabalhador dispõe para o executar. Entre o grupo surgiu à deriva a reflexão sobre as perdas de emprego ou as dificuldades em acompanhar as aulas à distância ou o desdobramento de muitas famílias para que todos os seus elementos pudessem ter acesso ao único computador da casa, para cumprir as suas obrigações. Da mesma forma, em deriva a reflexão passou pelo acesso a repartições públicas, cujo agendamento por telefone se mostrou ineficaz, colocando o agendamento por email como única possibilidade viável, e ainda assim totalmente inacessível a grande parte da população.

No âmbito da pesca local, um exemplo prévio à situação de pandemia, que é, contudo, claro e pertinente face a mecanismos legais impostos, está relacionado com a passagem de documentos legais para formato digital, que se pretendem acessíveis via telemóvel caso sejam solicitados pelas autoridades, situação assumida como ponto positivo para os mais jovens, mas que coloca os mais velhos, ainda em maior número, em desvantagem ou incapacidade de cumprimento.

As Conversas à Deriva desenvolvidas no âmbito dos encontros do grupo permitiram ir além da dimensão inicialmente proposta, potenciando a descoberta de diferentes olhares sobre a mesma zona costeira e a imersão nas vivências de cada elemento. Assim, como inicialmente proposto, o grupo dialogou e refletiu sobre aspetos relacionados com o desenvolvimento costeiro sustentável, tendo por base o papel dos elementos que compõem o grupo enquanto observadores das cimeiras. Havendo a

necessidade de ajustar modos e tempos de trabalhar em todo o projeto, manteve-se presente a aceitação pela imersão nas vivências do outro, juntando os vários e diferentes olhares e recriando significados, ampliou-se o conceito de ambiente que passa a ser entendido na ótica de uma relação indissociável e que se almeja harmoniosa, ou seja, sustentável com o que nos rodeia.

Preocupados com assuntos como o futuro da pesca e a sustentabilidade da atividade, a conservação dos recursos naturais, a problemática relação entre sociedade e natureza ou a falta de diálogo entre pescadores e reguladores da atividade, verifica-se no grupo a motivação para aprender uns com os outros pela troca de ideias e partilha de saberes, revelando uma predisposição para dialogar, segundo os pressupostos apresentados por Bohm (2004), ou seja, integrando um processo de coconstrução para a definição de uma nova dimensão de significado, que a todos une.

As Conversas à Deriva assumiram o formato de Encontros IntraGrupo (EIG) com duas dimensões distintas, deste modo: a) os EIG 2 e 10 a 12 focaram-se na participação nas cimeiras, bem como em processos de coconstrução e b) e os restantes, seguiram temas relacionados com a formação e coesão do grupo, bem como com propostas derivantes das vivências de cada indivíduo, que deram forma a um processo baseado em cinco ciclos, fundamentados em paralelo com os “Cinco Saberes do Pensamento Complexo” de Mariotti (2002).

O **EIG 01** pretendia consolidar o grupo, promovendo o encontro com todos os elementos integrados no processo. O conhecimento entre indivíduos e o delinear do coletivo eram objetivos de um encontro que assentava na apresentação da proposta, face ao enquadramento no projeto global e à contextualização face à observação participante nas cimeiras do *Smart Fishing*. Este momento definia-se como primordial para começar a explorar o Saber Ver (Mariotti, 2002) vendo-nos e espelhando-nos a nós próprios como indivíduos e como parte do coletivo.

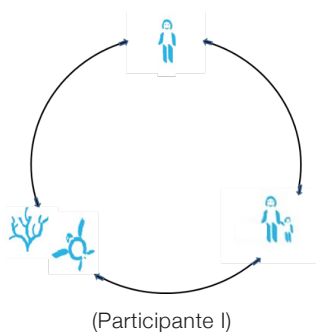
De entre as partilhas expressas enquanto premissas base para o assumir do desafio proposto, emergiram ideias que representam como que uma lista de intenções, de aspetos a ter em conta, para o trabalho no grupo. Essas ideias, assentam na importância de ter presente: a) “Ouvir... não apontar o dedo... construir significado comum”; b) distinguir conhecimento de consciência pois “Ter consciência implica mudança!”; c) que “A história e as preocupações comuns podem unir as pessoas”; d) que temos uma “Pluridisciplinaridade de ideias e saberes” e e) “Importância do diálogo!”.

O **EIG 03**, realizado em plena época de isolamento profilático, divergiu das temáticas até então propostas, pois tornava-se emergente uma reflexão que permitisse explorar o Saber Ver (Mariotti, 2002) face à situação atual, que continua a afetar a população mundial de forma direta ou indireta. Este encontro estimulou a expressão de sentimentos, inquietações e pensares, aspetos sentidos como a) solidão, b) falta de amigos, c) medo, d) desconforto ou e) respeito foram apontados na partilha. A partir

das inquietações expressas, refletiu-se sobre a) as consequências do abandono do trabalho ou b) o que são o local e o global face às nossas realidades.

Do **EIG 04 ao 07**, o foco foi a reflexão, a partir das histórias trazidas por cada elemento do grupo, sobre como se vivem os espaços, que ligações se têm com o ambiente e o que é a natureza nesse ambiente. A proposta destes encontros passava por, em rotatividade, iniciar um ciclo dedicado à reflexão de temáticas trazidas para o coletivo por cada elemento do grupo, aprofundando o conhecimento de cada um e, respetivas, áreas de interesse. Este ciclo de dinamização em rotatividade, levou o grupo por um aprendizado de Saber Esperar (Mariotti, 2002, p. 13), que promove um reaprender da prática de “entender e valorizar a felicidade que emerge da convivência” em detrimento da competitividade fomentada pela linearidade temporal, noção que vigora na maioria das sociedades atuais.

A discussão que as histórias individuais trouxeram ao grupo, a propósito das respetivas vivências do espaço e da ligação ao ambiente, mostraram a vontade de construir conhecimento, a partir de uma vivência ou história específica, individual e única. Estes encontros foram ricos em debate, questionamentos colocados e aprendizagens partilhadas como ilustrado nas reflexões apresentadas na Figura 1:



“Vivemos o espaço como uma propriedade própria, moldamo-nos ao nosso ambiente, embora com vivências diferentes a cultura do local continua enraizada em nós.”
(Participante E)

“A ligação que temos com o ambiente que nos rodeia é de dependência e utilidade embora não tenhamos muitas vezes consciência dessa ligação.”
(Participante O)

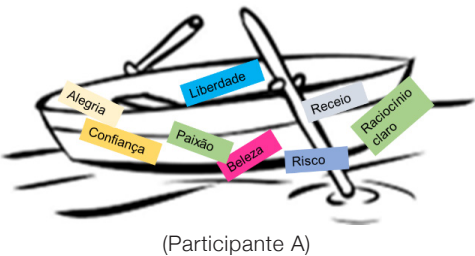


Figura 1 - Reflexões partilhadas no EIG 04

Fonte: Textos e imagens produzidos durante o EIG 04, no âmbito da investigação de doutoramento de Sílvia Franco

Os **EIG 08 e 09** deram lugar a um terceiro ciclo, em que a imersão nas vivências dos outros elementos do grupo permitiu entrar numa dinâmica de Saber Conversar, em que Mariotti (2002) coloca o desenvolver da consciência de que o que é claro para uns, pode ser incompreensível para outros. Neste sentido, a imersão realizada, no âmbito dos presentes EIG, levou todo o grupo a participar em algumas atividades da pesca com uma Arte-Xávega; a construir redes; a sair da zona de conforto com exercícios exploratórios; a percorrer os trilhos existentes no topo da arriba, refletindo sobre as ligações entre o mar e a terra; e a transpor o exercício de alar (puxar a rede) para uma sistematização do que é necessário para formar uma equipa.

O EIG 08 promoveu a saída da zona de conforto, primeiramente através de um exercício exploratório através de movimentos automatizados e, posteriormente, através da imersão nas artes da pesca, da construção ao puxar das redes, passando pela seleção do peixe acabado de sair do mar. Deste encontro, destaca-se o seguinte testemunho:

“As vivências do último encontro foram profundamente motivadoras. O encantamento de criança inundou o meu olhar sobre a pesca, o facto de começar com o Sr. M. que partilhou com paixão a sua arte, o tecer das redes, uma estrutura básica para a pesca..., mas muito distante da minha vivência, ficou de repente acessível em mim...comum dos mortais. E isso mudou a orientação do meu olhar e pensar. Passei a estar um pouquinho dentro do mistério do conhecimento ancestral, hoje sinto que um conjunto de laçadas bem apertadas de malhas iguais, pode apanhar, guardar, reter algo precioso como o nosso alimento para sobreviver ... e que poderá mais guardar?” (Participante O)

No EIG 09, realizado de forma presencial ao ar livre, o grupo expressou tudo o que veio construindo ao longo destes meses. Para além dos vários aspetos apontados como: a) construção do pensar; b) fortalecimento do grupo; c) partilha de sentires; d) reflexão conjunta; e) cooperação; f) equilíbrio; g) emoção; h) vontade; i) união, o seguinte depoimento é bem ilustrativo do resultado construído:

“O sentimento de partilha que nos une enquanto equipa, que nos faz colaborar nas ações sem esquecer o sorriso e o abraço, que nos lembra as fragilidades e nos ajuda a abrir as asas e mostrar sem medo o coração de criança”.
(Participante I)

O presente encontro permitiu revelar a maturação da expressão enquanto grupo, uma equipa que estimula a “mostrar sem medo” o que nutre cada indivíduo, colaborando ativamente nos processos do coletivo, como a coconstrução de produtos que se seguiu nos EIGs seguintes.

No **EIG 02** e nos **EIG 10 a 12**, o grupo trabalhou diretamente sobre as cimeiras realizadas ou por realizar, apresentando o resultado das observações individuais e refletindo em conjunto, no primeiro caso, ou colaborando no planeamento de uma das atividades a propor em cimeira.

Os EIG 10 a 12 tiveram ênfase em processos de coconstrução, quer estes estivessem diretamente relacionados com as cimeiras ou, indiretamente, centrando-se noutros produtos ou Sementes da Terra e do Mar, como a determinada altura o grupo os denominou. Estes produtos foram uma apresentação para um congresso internacional, o esboço de um pequeno conto e a atividade para a cimeira. Muitos outros, derivam já das conversas do grupo, porém ainda não se encontram finalizados, mas são já sementes do Saber Amar (Mariotti, 2002) partilhado através da coconstrução.

Quanto aos **EIG 13 e 14**, o seu foco esteve no processo de Saber Abraçar (Mariotti, 2002), que entre o grupo tomou um formato de análise crítica coletiva, promotor de uma maior integração e coesão entre os elementos do grupo, seja em dinâmica Intra-Grupo, seja em dinâmica de cimeira. Este quinto ciclo promove uma maior consciência do estar de cada indivíduo face ao *CorpSpace*, *OtherSpace* e *EcoSpace* (Mesquita *et al*, 2011). A reflexão, aqui proposta, conduz a um aprofundar do papel de cada indivíduo face ao triângulo primordial da vida (D'Ambrosio, 2002), traduzida aqui no seguinte testemunho:

“Estou a gostar muito da forma de unir estes pequenos pedaços de vida...
união por vezes dorida..., mas muito sentida e reconfortante.” (Participante U)

O processo vivenciado permite delinear linhas essenciais face ao caminho que o grupo percorreu em termos 1) das aprendizagens individuais dos seus membros, 2) das partilhas de saberes e sentires individuais ficando visível a vontade presente em cada elemento de conhecer outros saberes, experiências de vida, e formas de olhar e viver o mundo enriquecendo assim as diferentes mundivisões. Os resultados evidenciam ainda 3) a forte ligação de pertença estabelecida, tornada possível pela relação criada entre os elementos e o cuidado manifestado com o próprio grupo.

Assim, o que inicialmente se perspetivava um grupo de discussão em torno das problemáticas pesqueiras, deu lugar a discussões mais abrangentes que fizeram emergir, não só as temáticas ligadas à pesca, como também a ligação entre o mar e a terra, devido às diferentes visões e vivências individuais.

Considerações Finais

As práticas do grupo permitiram levantar memórias e vivências que transpõem o indivíduo para a relação com os seus ancestrais e, através desta, olhar e refletir sobre

a sua ligação com a sociedade e a natureza. Assim, o processo desenvolvido nesta investigação é um contínuo *rever coletivo* da nossa práxis social, buscando a percepção do nós - *CorpSpace-OtherSpace-EcoSpace*, na nossa contextualização física, no caso na Costa de Caparica, Portugal. Este processo de Educação que procura manter alerta a ligação à nossa historicidade, traz a memória de quem nós somos nesta área costeira.

Nesta investigação, a afetividade e o cuidado promoveram o sentido de pertença e as reflexões sobre como nos relacionamos com os outros elementos da ecologia local. Seguindo as ideias defendidas por Bohm (2004), o diálogo precisa de tempo e espaço, confiabilidade e reconhecimento para se abrir numa construção coletiva de significado, que poderá então ser o mote para a coconstrução.

As vivências de criança, os ensinamentos dos mais velhos, a partilha de saberes... elevaram o conhecimento que cada elemento tinha desta zona costeira, do ambiente que nutre a relação indivíduo-sociedade-natureza. O trabalho vivenciado conduz à percepção do espaço individual – *CorpSpace*, reconhecendo-o enquanto estrutura social, elemento de um sistema de relações sociais com relação intrínseca e indissociável do espaço coletivo – *OtherSpace*. Contudo estas relações estão assentes num triângulo processual que compreende, também, o espaço ambiental – *EcoSpace*, o qual é o terceiro elemento desta relação intrínseca e indissociável, assim conceptualizada por Mesquita *et al.* (2011).

Ao longo dos encontros do grupo, foi possível perceber o definir de uma estrutura de cinco ciclos, que a par dos Cinco Saberes elencados por Mariotti (2002), permitiram perceber a relevância de Saber Ver, Saber Esperar, Saber Conversar, Saber Amar e, finalmente, Saber Abraçar.

Os Encontros IntraGrupo evidenciaram-se uma forma de fortalecer o diálogo e a colaboração entre os vários elementos quer através dos temas e atividades trazidas pelos indivíduos ou pelo coletivo, quer pela partilha das preocupações face à ecologia da zona costeira considerada.

Nota: Este trabalho tem o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), através do projeto estratégico MARE - UIDB/MAR/04292/2020.

Referências

- Afonso, A. P. (2009). A gestão das comunidades de aprendizagem enquanto geradoras de contextos de aprendizagem: um estudo de caso. Universidade de Coimbra. Tese de doutoramento. [Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/12155>, consultado a 06/12/2020].
- Blackstock, K., Kelly, G. e Horsey, B., (2007). Developing and applying a framework to evaluate participatory research for sustainability. *Ecological Economics* 60 (4), 726-742.

- Bohm, D. (2004). *On Dialogue*. Routledge.
- Castells, M. (2009). *Communication power*. Oxford University Press.
- Chagas, I. (2002). Trabalho em colaboração: condição necessária para a sustentabilidade de redes de aprendizagem. In M. Miguéns (Dir.). *Redes de aprendizagem. Redes de conhecimento* (pp. 71-82). Conselho Nacional de Educação.
- Flores, J. e Filho, J. (2016). Transdisciplinaridade e educação. *RevistAleph*. 26, (XIII) , 110-122.
- Franco, S. (no prelo). Environmental Communitarian Education - Dialogue and Alphabetization in a critical ethnographic movement. In M. Mesquita (Org.) *Political Flow in the Communitarian Education. Topological Ontology in the Urban Boundaries*. Anonymage.
- Freire, P. (1970). *Pedagogia do oprimido*. Paz e Terra.
- Freire, P. (1974). *Educação como prática da liberdade*. 4th ed. Paz e Terra.
- Freitas, M. (2010). *Interacção e utilização de serviços de comunicação em comunidades de aprendizagem*. Dissertação de Mestrado não publicada. Universidade de Aveiro
- Habermas, J. (1984). *Theory of Communicative Action*, trans. Thomas McCarthy. Beacon Press. [Disponível em: <https://teddykw2.files.wordpress.com/2012/07/jurgen-habermas-theory-of-communicative-action-volume-1.pdf>, consultado a 28/12/2020].
- Jara, O. (2019). Desafios de uma educação transformadora para a cidadania global, *II Encontro da Comunidade Sinergias ED*, de 7 de fevereiro de 2019. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. [Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AvfZfdzVP00>, consultado a 06/12/2020].
- Lave, J. (1991). Situating learning in communities of practice. In Lauren Resnick, Levine B., M. John, Stephanie Teasley & D. (eds.), *Perspectives on Socially Shared Cognition*. American Psychological Association, 2-63
- Lave, J., & Wenger, E. (1991). Legitimate Peripheral Participation. In *Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation* (Learning in Doing: Social, Cognitive and Computational Perspectives) (pp. 27-44). Cambridge University Press. DOI:10.1017/CBO9780511815355.003
- Mesquita, M. (2014) (Org.). *Fronteiras Urbanas. Ensaio sobre a humanização do espaço*. Anonymage.
- Mesquita, M., Restivo, S., & D'Ambrosio, U. (2011). *Asphalt Children and City Streets: a A Life, a City, and a Case Study of History, Culture, and Ethnomathematics in São Paulo*. Sense.
- Raposo, A. e Mesquita, M. (2018). A Construção Colaborativa De Conhecimento: Será A Transformação Social Um Processo Pedagógico?. *Sinergias - diálogos educativos para a transformação social*, 6, 39 a 46
- Schultze, U. e Stabell, C. (2004). Knowing What You Don't Know? Discourses and Contradictions in Knowledge Management Research. *Journal of Management Studies*, 41 (6), 549-573, DOI: 10.1111/j.1467-6486.2004.00444x
- Serrat, O. (2010). *Building communities of practice*. Asian Development Bank. [Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/5132751.pdf>, consultado a 27/12/2020.]
- Vasconcelos, L. (2008). O Conceito de Governância e a Responsabilidade Social dos Cidadãos. *Revista INGENIUM*, 106, (II), 48-49.

Vasconcelos, L., Farrall, L., Ferreira, J. (2020). Socioecology literacy – collaboration as a learning tool for society transformation. In S. Saúde, M. A. Raposo, N. Pereira, A. Rodrigues (Eds.). *Teaching and Learning Practices that Promote Sustainable Development and Active Citizenship* (174-194). IGI Global DOI: 10.4018/978-1-7998-4402-0.ch009.

Wenger, E. (1998). *Communities of practice: Learning, meaning, and identity*. Cambridge University Press. DOI: 10.1017/CBO9780511803932

Thomas, J. (1993). *Doing critical ethnography*. Sage Publications.

Turner, M. & Gardner, R. (1991) (Eds.). *Quantitative Methods in Landscape Ecology. The Analysis and Interpretation of Landscape Heterogeneity*, 82. Springer-Verlag. Softcover ISBN 978-0-387-94241-4

Sílvia Franco

Centro de Ciências do Mar e do Ambiente (MARE),
Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade NOVA de Lisboa
Email: sh.franco@fct.unl.pt
Orcid: 0000-0001-8740-3432

Maria Albertina Raposo

Centro de Ciências do Mar e do Ambiente (MARE),
Instituto Politécnico de Beja
Email: albertina@ipbeja.pt
Orcid: 0000-0003-3521-612X

Mário Pedro Santos

Associação de Pesca Local e Artesanal
e de Apoio Social aos Pescadores (ALA-ALA)
Email: mpps44@gmail.com

Rita Gonçalves

Associação de Pesca Local e Artesanal
e de Apoio Social aos Pescadores (ALA-ALA)
Email: ritaferreiragoncalves@gmail.com

Teresa Morais

Paisagem Protegida da Arriba Fóssil da Costa de Caparica
Instituto de Conservação da Natureza e Florestas (ICNF)
Email: teresa.morais@icnf.pt

Lia Vasconcelos

Centro de Ciências do Mar e do Ambiente (MARE),
Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade NOVA de Lisboa
Email: ltv@fct.unl.pt
Orcid: 0000-0002-7398-347X

Mônica Mesquita

Centro de Ciências do Mar e do Ambiente (MARE),
Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade NOVA de Lisboa

Email: mmbm@fct.unl.pt

Orcid: 0000-0001-5912-6829

Correspondência

Sílvia Franco

Departamento de Ciências e Engenharia do Ambiente

Faculdade de Ciências e Tecnologia

Campus de Caparica

2829-516 Caparica (Portugal)

Data de submissão: Dezembro 2020

Data de avaliação: Janeiro 2021

Data de Publicação: Novembro 2021